



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

VISITA A LUZIÂNIA

Luziânia, GO
27 de junho

O Presidente José Sarney, em visita a Luziânia, elogia o prefeito da cidade e reafirma que a irrigação dá outra fisionomia e progresso à região, pelo aumento da produção agrícola.

24 de junho — O Ministro Maílson da Nóbrega autoriza a suspensão do bloqueio das contas das empresas estatais paulistas, depois de o Governador Orestes Quércia ter-se comprometido, em audiência com o Presidente Sarney, a pagar US\$ milhões de dívidas externas de São Paulo vencidas.

— É fundado em Brasília um partido nascido de dissidência dos «históricos» do PMDB, comandada por Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso, Franco Montoro e José Richa. Ainda sem nome, o novo partido terá como símbolo um tucano. No dia seguinte, o partido dos «tucanos» adota o nome de Partido da Social Democracia Brasileira e elege como seu primeiro Presidente o Senador Mário Covas.

Em primeiro lugar eu desejo agradecer as generosas palavras do governador Henrique Santillo. São palavras estimulantes e, ao mesmo tempo, partem de um homem que tem grandes serviços prestados ao País, e especialmente ao Estado de Goiás.

Está fazendo um grande governo e ao mesmo tempo consolidando perante o País a visão do grande político, político bem formado, de convicções, de raízes sólidas, capaz de analisar os fatos e deles retirar conclusões e, ao mesmo tempo é um homem firme, um homem leal que tem sido o sustentáculo da compreensão e de apoio que tenho tido no exercício da Presidência da República.

Desejo também fazer uma referência especial ao prefeito de Luziânia, Orlando Roriz, responsável por uma administração brilhante, exemplar, à frente da Prefeitura.

Este Município de Luziânia é, sem dúvida, muito representativo do Brasil que está nascendo, nesta região do Centro-Oeste, em que ele se transformou no maior município do Estado.

Não conheço bem a disputa entre Anápolis e Luziânia, mas acredito que ela é bem representativa do espírito e do dinamismo e da integração do Estado de Goiás, dentro do espírito da modernidade nacional.

As palavras do governador Santillo me estimulam a alongar-me um pouco nestas considerações.

Eu estou chegando. Ontem estive no Alto Jequitinhonha, numa concentração de milhares e milhares de peregrinos que para a cidade de Conceição do Mato Dentro se dirigem a fim de participarem da romaria do Bom Jesus do Matozinhos.

Tive a oportunidade, naquela cidade, de assinar convênios com o governador de Minas Gerais, transferindo recursos para a extensão da Previdência aos municípios.

Inaugurei uma obra social que é a Casa dos Romeiros. Estive presente com mais de 30 prefeitos daquela região. É uma região de montanhas, quase inacessível, das Serras do Espinhaço e do Cipó, dos Vales de Jequitinhonha e do Saçuí, e de difícil acesso. Uma região quase que inóspita. E ali há mais de 200 anos os brasileiros conseguiram, caminhando, ocupar aquele território. Plantar cidades, algumas delas da maior expressão nacional como Diamantina, terra do nosso Presidente tão marcante, que foi Juscelino Kubitschek. E eu fiz a seguinte reflexão: os brasileiros do passado

foram capazes de atravessar muitas dificuldades; onde não havia estrada, onde não havia comunicação, onde não havia qualquer notícia do mundo, aqueles homens solitários, com os pés rachados, acompanhados de suas famílias, apenas com o ideal de construir uma nova Pátria, ocuparam essas regiões.

Porque nós, de hoje, brasileiros, que temos à disposição de nossas vidas tantos instrumentos que a humanidade nos deu, oportunidades de trabalho, de saúde, de estradas, de energia, das grandes cidades, dos medicamentos colocados à disposição da nossa saúde, dos centros médicos, que com todas as dificuldades foram capazes de ter modificado a qualidade de vida de todos nós, porque nós que temos grandes centros educativos, por que nós de hoje temos o que temer com referência ao destino do País quando nós vemos aquilo que aconteceu no passado que fez esta grande Pátria e estas oportunidades do presente? E aí eu acredito mais no Brasil.

E terminei as minhas palavras em Conceição do Mato Dentro, àquela multidão que nos ouvia, dizendo que dali eu também recolhia mais um exemplo de convicção e de otimismo, para saber que os pessimistas são aqueles que não sabem olhar.

A entrada do povo de Deus na terra da promessa foi atrasada, diz o Deuteronômio, o livro da Bíblia. Se não me engano o dos Números, não estou bem certo. Mas lá, quando se fala da chegada do povo de Deus à terra da promessa é dito que foram alguns saber o que ali existia para que o povo pudesse entrar. E eles voltaram e fizeram um relato das dificuldades. Então o povo ficou 40 anos esperando no deserto, entrar na terra da promessa, por causa de 12 pessimistas.

Quando eu vejo agora aqui, Goiás, eu me lembro que fui o primeiro deputado que acreditou na mudança definitiva da capital, porque em dezembro de 1959 eu desfiz a minha casa no Rio de Janeiro e trouxe a minha mudança para Brasília.

Naquela época os jornais até publicaram que eu era o primeiro deputado, e era de um partido contrário, mas

apoiava a mudança da capital. E tomei aquela decisão contra todos os nossos companheiros, que ainda tinham a esperança de adiar a inauguração de Brasília, e era deputado da oposição. Fiz a minha mudança para Brasília em 1959. E naquele tempo se voava para esta área em aviões que não tinham nem o conforto nem a segurança dos aviões atuais. E era realmente um vazio imenso, apenas marcado por aqui e ali. Fazendas, pioneiros, pequenas cidades, mas todas elas isoladas num deserto imenso.

Eu recorde-me que numa dessas viagens vinha a bordo o então jornalista Assis Chateaubriand, que era o homem mais importante da comunicação brasileira, dono de uma cadeia de rádio, de televisão e de jornais no Brasil inteiro. E ele disse ao Presidente Juscelino que também se encontrava a bordo:

«Mas não é possível que você tenha trazido a capital para esta região — era um tempo de seca — em que até as saúvas morrem de fome.»

Ele olhava, via esta região que de cima parecia que não tinha nenhuma vegetação, e aqui foi plantada a capital.

E hoje eu vinha voando para cá no helicóptero, e não passávamos por nenhum lugar que não tivesse a presença do trabalho do homem. Áreas imensas já abertas e em produção, e áreas sendo abertas.

Este Município de Luziânia, por exemplo, tem 7 mil hectares em produção. Desses 7 mil hectares, 2 mil hectares já são ocupados por agricultura irrigada.

Goiás é hoje, sem dúvida, um estado dos mais promissores do Brasil. E mais do que isso, eu acredito que daqui desta região do Centro-Oeste vai se irradiar a forma definitiva de consolidação do chamado grande milagre da presença brasileira do futuro.

A Califórnia era, nos Estados Unidos, um dos estados mais pobres. Também com condições mais difíceis, talvez muito assemelhadas às condições desta área do Brasil Central, do Nordeste, pegando um pouco, se estendendo por aquela área da Bahia, e hoje a Califórnia é o maior e mais

rico estado dos Estados Unidos. Talvez a região mais rica do mundo seja hoje a Califórnia.

Pois bem. Esta região de Goiás e do Centro-Oeste vai ser a concorrente da Califórnia em termos de futuro, e ao contrário do que aconteceu lá, que foi preciso um longo e longo tempo, aqui vai ser feito muito mais rapidamente porque hoje nós temos a tecnologia à disposição do homem moderno.

Eu vejo Goiás, como devia ver o Presidente Juscelino quando para cá trouxe a capital, muito mais como uma região para criar uma civilização que se estenda em todas essas vastidões e não uma simples cidade administrativa.

Eu vejo Goiás, como estou vendo hoje, crescendo e produzindo já 7 milhões de toneladas de grãos, rasgado mesmo contra a incompreensão de muitos — já podia estar muito mais adiante — rasgado pela Norte—Sul, esvaziando a Belém—Brasília que já hoje é insuficiente para suportar a carga que transporta, de 7 milhões de toneladas, que é preciso ser recapeada, refeita, com custos imensos, não só para o poder público, mas também para aqueles que utilizam o transporte, porque o transporte se torna mais caro, os donos dos veículos com a estrada ruim têm maior desgaste de material, nós não temos o transporte intermodal, não temos centrais alimentadoras, o que o mundo inteiro põe e isso tem à disposição de grandes produções que são circuladas. E o Brasil não pode penalizar a sua produção agrícola e avançar mais sem entrar na era dos transportes modernos.

Quando eu vejo Carajás criando um grande pólo minero-metalúrgico no coração do Brasil, quando eu vejo a estrada de ferro de Carajás ao Porto de São Luís, que hoje é o segundo porto do Brasil, a última vez que lá estive vi 11 navios — o menor deles de 250 mil toneladas — levando minério de ferro, explorado desta região às minas que aqui estão, esquecidas e sem transporte de grande natureza, neste Estado de Goiás tão rico em minerais, eu vejo a navegação marítima de Manaus criar a primeira hidrovia do Brasil realmente viável, passando nas comportas de Tucuruí, fazendo o transbordo para a ligação com a Norte—Sul na altura do Estreito ou entre Imperatriz.

Eu vejo o oleoduto do Urucu rasgar a floresta amazônica e trazer o petróleo para criar, fazer redução em Carajás, criar termoeletricas, fazer ferro-esponja em vez de nós levarmos ferro em bruto.

As grandes reservas de gás e de óleo ali foram descobertas.

Já no próximo mês, dentro de 30 dias, eu estarei em Urucu embarcando os primeiros 10 mil barris diários de petróleo, produzidos naquela área.

Já temos condição de chegar a uma produção de 25 mil barris, petróleo descoberto há menos de dois anos, e cada dia se ampliam mais as nossas perspectivas de petróleo naquela região, com grandes reservas, também, de gás.

Eu vejo este Centro-Oeste rasgado também pela estrada que vai ligar Cuiabá até a interligação com a Norte—Sul.

Eu vejo as estradas alimentadoras vindo de todo lado para transformar cada vez mais esta região, e aí nascendo cidades, e aí aumentando cada vez mais a produção agrícola. Há de se inverter um fluxo de que sempre se falou: o Brasil era um país de caranguejos, porque todos se estabeleciam na costa. Pois vai voltar a ser um país de bandeirantes que sairão das cidades, que hoje não têm condição nenhuma de dar felicidade e vida para o seu povo, para se encaminharem para o interior do Brasil, porque aí se pode ter uma qualidade de vida bem melhor que a qualidade de vida que se tem nas grandes cidades, sem os problemas de violência, do tóxico, sem as violências da crise moral que atinge a juventude, as famílias, criadas justamente pelos grandes aglomerados que o homem não tem condições de solucionar, porque as cidades crescem muito mais do que a possibilidade de se criarem serviços. São Paulo aumenta todo ano em cerca de 500 mil habitantes. Cresce o Rio de Janeiro. Crescem todas essas cidades, porque os que vão para elas têm a esperança de ter uma vida melhor: os que nelas estão já não têm uma vida boa, porque os serviços das cidades falham, as oportunidades de trabalho faltam, e existem duas frustrações: a dos que chegam e a dos que ficam, dos que já estão e que se queixam porque tem mais

gente para disputar aquele mesmo terreno que eles já disputam com tanta dificuldade.

Perguntarão os senhores: mas há exemplo no mundo em que tenha acontecido isto? E eu digo que sim. Mas aconteceu pela fé, pela coragem e pela determinação dos homens. Nos Estados Unidos, na grande crise da depressão, o Presidente Roosevelt lançou o *New Deal*, criou o programa dos jovens produtores da América e levava de Nova Iorque 300 jovens para que eles ocupassem aquela região do Oeste, que se encontrava à busca do braço, e criou recursos humanos que fizeram esse novo estado essa nova área e que, ao mesmo tempo, conseguiu recursos humanos, isto é, gente que se dedicasse a esse setor da produção.

Então eu vejo esta região com estes olhos do futuro e não os olhos embaciados pelo pessimismo, os olhos embaciados pela descrença, pela desesperança que não cabe no coração dos brasileiros, que têm um País como nós temos.

Temos dificuldades! Mas qual é o povo que não tem dificuldade?

Criou-se a mentalidade de que o Brasil está estagnado. Pois o Brasil foi o país que mais cresceu nesses três anos. Cresceu 21 por cento. Cresceu uma Argentina nos três anos que passaram do meu Governo, e, no entanto, se tem a impressão de fracasso, porque nós brasileiros queremos que as coisas sejam feitas num milagre, do dia para a noite, e muitas vezes elas não podem ser feitas, porque o progresso é fruto do trabalho, mas o trabalho começa e o progresso começa dentro de cada um de nós.

Não é um Presidente da República que faz o País. O País é feito pelo seu povo.

É preciso também eliminar esta mentalidade de que o Presidente é o salvador, é o homem que pode decidir, fazer, resolver do dia para a noite.

Não. O Presidente é um homem que talvez tenha a limitação maior nas suas decisões, porque ele tem que decidir com a realidade, com o barro do trabalho. O barro do trabalho dele é a realidade, o campo da decisão dele é um campo estreito, porque tem que lidar com essas realidades.

Não se governa com sonho; governa-se com realidade. E a realidade nossa de hoje é que nós temos que ter a consciência de que o Brasil atravessa os seus problemas, e nesse caso o sonho passa a ser realidade, porque nós sabemos que em termos de futuro nós seremos a grande Nação, a poderosa Nação, o Brasil que ocupa um lugar no mundo, já tem hoje a oitava economia do mundo, e vai avançar chegando ao fim do século a uma posição bem mais à frente. No setor da agricultura, de que hoje nós estamos falando aqui — que não é ao pé do rádio, é debaixo do sol —, nós chegaremos a produzir 100 milhões de toneladas de grãos e vamos ser um dos maiores produtores, e concorrer com o maior produtor mundial de grãos. Hoje já somos o segundo do mundo na soja. Vamos caminhar para sermos o primeiro.

O projeto de irrigação. Quando assumi o Governo vi que nós tínhamos que fazer alguma coisa pela irrigação. Na irrigação está a salvação. A China hoje alimenta 1 bilhão e 200 milhões de habitantes com 70 milhões de hectares irrigados. A Índia com uma superpopulação de 800 milhões de habitantes, marcha com um programa intensivo de investimentos maciços para chegar a 50 milhões de hectares irrigados e já este ano ela passa a ser auto-suficiente em alimentos. A China já exporta alimentos.

O Paquistão chega à casa dos 17 milhões, e o Brasil, este grande País, de grande vocação agrícola, quando assumi o Governo tinha 1 milhão e meio de hectares irrigados. A metade deles no Rio Grande do Sul: irrigação de arroz. A Argentina ao nosso lado, para citar o exemplo da Argentina, tinha 5 milhões. Então era uma coisa óbvia que se tenha que sair para um programa de irrigação, para que a produção nacional possa demarrar, para que o produtor não tenha a incerteza do clima, para que ele possa melhor aproveitar a sua terra utilizando-a em uma, duas e às vezes duas e meia culturas por ano. Então lançamos o Programa Nacional de Irrigação.

No princípio tinha que se convencer as pessoas. Depois, começar a despertar os industriais para que eles fabricassem equipamentos de irrigação. Depois motivar os proprietários. E hoje, três anos depois, eu posso dizer que o

programa de irrigação pegou, o programa de irrigação é irreversível, e nesses três, dois anos, porque o primeiro ano foi quase a maneira de se começar, nós já temos mais 700 mil hectares irrigados no Brasil e vamos chegar a 1 milhão, que é a meta do meu Governo.

Há uma semana eu inaugurava, em Petrolina, onde já existe um fabuloso programa de irrigação, a Fábrica Dantas, para produzir quatrocentos equipamentos de irrigação durante um ano, para colocar pivô central também na área do Nordeste, onde já existem alguns funcionando.

De outro lado nós estamos com programas de irrigação dispersos no Brasil inteiro. Eu mesmo já visitei, no Nordeste, Cajazeiras, Brejo das Freiras, Açude do Arroz, Pau dos Ferros, Chapada do Apodi, Mossoró, Projeto Maísa. Lá no meu estado, em Pinheiro, São Bento. Estive em Parnaíba onde estamos construindo o grande Centro Nacional de Pesquisa Irrigada. As universidades estão todas trabalhando conosco no sentido da pesquisa, estamos formando centros de irrigantes no Brasil inteiro, e o programa cada dia assume um dinamismo chefiado por este apóstolo da irrigação que é o doutor Fialho, que tem andado pelo Brasil inteiro nesses pontos pequenos.

Hoje aqui nós estamos alongando muito esta conversa. Mas é boa. Hoje aqui nós estamos vendo mais uma área com três pivôs que vão entrando no programa de irrigação.

Programa de irrigação é difícil porque tem que ser localizado em todo o País. Não tem a visibilidade de se dizer que se está construindo aqui uma hidrelétrica e todo mundo vê a hidrelétrica como uma grande obra, uma grande placa com aqueles tratores e tem então um visual. Mas o programa de irrigação é como o programa da formiga, da construção de pequenos núcleos no Brasil inteiro. Estamos criando esta mentalidade, mentalidade que foi responsável em grande parte, e vai ser, pelo grande avanço na agricultura.

Goias nos deu também o ministro da grande safra, que é o ministro Íris Rezende.

Nós, como disse o governador Santillo, nós temos 65 milhões de toneladas este ano. Levamos 10 anos produzindo

do 50 milhões. Chegamos hoje a 65 por dois anos consecutivos. Por quê? Porque 16% desta produção já é área irrigada, e área irrigada só ocupa 4% da área agricultável do País.

Por quê? Porque temos o respaldo da EMBRAPA na melhoria genética das sementes. Nós temos o respaldo da EMBRAPA e de outros órgãos que colaboram, como o sistema EMATER, na técnica de manejo de solos e que foi possível fazer essa revolução no Centro-Oeste.

Nós temos que caminhar também no programa de armazenagem e por isso se chega aqui e vê-se que foi possível plantar soja, colher soja, porque por trás disto havia, sem dúvida, a pesquisa da soja no cerrado, a melhoria da soja para produzir, a técnica de manejo de solo para dar condições de certeza a quem planta e para que pudesse o proprietário ter 40 mil sacos de soja no seu depósito de sementes de soja, para serem reproduzidas no próximo ano e na próxima safra, e mais safra e mais riqueza e mais trabalho e mais produção.

Também quero dar uma palavra sobre o convênio que nós assinamos sobre a duplicação da Anápolis—Goiânia.

É uma confiança que mais uma vez o Governo tem no governo de Goiás, delegando uma obra tão importante para o Estado de Goiás, e, agora, o Dr. Canabrava está ouvindo do Presidente isto, com mais intensidade, para cumprir dentro dos cronogramas a duplicação de Brasília até Luziânia.

Enfim, o que nós temos procurado fazer é conduzir esse País com humildade. Eu tenho a consciência de que eu sou um brasileiro igual a todos os brasileiros. O poder não passou pela minha cabeça nem passa, e o meu desejo é colocar um tijolo, como todos nós, a mais, para o progresso desta grande Nação. Nós vamos, com todas essas dificuldades — e eu tenho enfrentado esse mar de frente, ondas gigantescas —, mas com firmeza, com convicção, com paciência, porque eu tenho consciência de que eu estou fazendo o melhor que posso fazer de mim para cumprir com o meu dever. E espero terminar esses cinco anos entregando ao meu sucessor a faixa de Presidente da República e di-

zendo a ele: o País está com as finanças saneadas, nós estamos com uma nova perspectiva que eu não encontrei, com a democracia restaurada e com todas as condições para prosseguirmos no grande progresso do Brasil.